

Alerta contra os bárbaros

30 JAN 1994 O GLOBO

PR
JOSÉ SARNEY

Passei a vida me preocupando demais com tudo. Com meus deveres e com meu trabalho. Talvez esteja um pouco com aquele sentimento de Jorge Luis Borges, no seu famoso poema de que "se tivesse de viver de novo não estaria sempre com pára-quebras nas costas". Andaria mais leve, seria mais tolerante comigo mesmo. Afinal, é de Anatole France o ensinamento de que se passarmos a nos arrepender e a nos criticarmos de tudo, seremos algozes de nós mesmos. Estas considerações pessoais me ocorrem, porque me parece que estamos numa crise de falta de preocupação. Nada nos preocupa. Há uma letargia que perpassa por todos. Pelo Estado, pela sociedade, pelos políticos. Conta, apenas, o circunstancial e superficial. Não estamos pensando sobre o "porquê" e o "quê" das coi-

sas. Será isto natural, é uma etapa, é um momento, é o fim de um tempo ou o princípio de outros tempos? Não tenho resposta para estas interrogantes, como gostam de dizer os tecnocratas.

Estamos votando uma reforma constitucional, a tão esperada reforma, que viria melhorar o pior de todos os instrumentos jurídicos que já fizemos no país, responsável pela nossa crise, a Constituição de 1988, malfeita, mal escrita, mal formulada, sem filosofia, sem "cara" e toda ela costurada no corporativismo e na demagogia. Híbrida e confusa. Pois bem, alguém sabe que estamos a reformá-la? Qual a filosofia que preside a reforma? Quais os juristas ou pensadores que a estão liderando? Todos falam no chavão "diminuir o tamanho do Estado", "abrir a economia", "fazer a reforma política". Quais as idéias básicas que deverão nortear estes temas e onde elas foram colocadas? Nenhum, em nenhum lugar. Não há um discurso,

um debate, uma controvérsia. Há, apenas, o antagonismo reacionário estéril de que "é hora" versus "não é hora" de fazê-la. É triste ver a lista de oportunismos que se coloca como chamariz da reforma. É um convite aos casuísmos e até algumas coisas sensatas e justas são misturadas ao lugar-comum das coisas que se propõe, ou melhor, que se faz de conta que se propõe.

Discute-se no mundo inteiro o problema do Estado. Quando ele começou a agigantar-se? Em 1912 as despesas públicas eram 12% das riquezas de um país. Hoje, chegam a 50%. Por quê? Os serviços são os mesmos? As responsabilidades aumentaram? O que influi nesse quadro, o Estado do bem-estar social e o Estado providência? Há uma grande mudança do mundo, no qual a concepção Estado-nação e soberania são postos em xeque. O problema não seria tanto o tamanho, mas a qualidade do Estado. Especula-se que o Estado nacional tem seus dias contados em favor

do Estado formado por grandes blocos. Leio em Didier Maillard que é difícil, hoje, fazer-se previsão sobre as instituições do próximo século, quando serão pensadas num outro nível.

Quando houve o choque do petróleo, abalando as estruturas da economia mundial, Carlos Castelo Branco comentou a tranqüilidade com que um ministro de então comentou o fato: "Isto não afetará o Brasil?", como se estivéssemos ao largo do que acontece no mundo. E aconteceu o que se viu. Agora, temos a sensação de que o Brasil não tomou conhecimento da queda do Muro de Berlim, da mudança nas estruturas do poder mundial, dos problemas transnacionais, de tudo que está surgindo num instante de fantástica e inconcebível transformação. Estamos isolados, quando ninguém vive mais a não ser num mundo interdependente. Não se vê, no país, discussões de idéias nem de rumos. Há um marasmo boiando sobre tudo.

E o que dizer de nossas responsabilidades na América Latina? O sonho do mercado comum do Cone Sul foi embora. Estamos apenas nos vangloriando de termos uma atuante zona de livre comércio e não essa comunidade de nações, esse bloco latino-americano, competitivo, regional e global, capaz de dar forma ao ideal bolivariano e ao desejo de nossos povos. Está na Constituição do Brasil, como um dos objetivos nacionais esse princípio inicial. Eu, com o coração partido, digo que a idéia do Mercosul está ameaçada.

Vejo, também, com grande apreensão, o que acontece com o surgimento da guerrilha no México, país que está no auge da prosperidade e da esperança. Lá, surge a violência. Que pensar aqui, onde o consumo de trigo, que em 1989 era de seis quilos por pessoa, é, hoje, de três! O que se passa no tecido social quando se chega a esse índice? Cortar trigo é cortar pão, cortar pão é dizer que che-

gou a fome.

E nós estamos como se nada acontecesse. O Congresso está debilitado. Basta dizer que tivemos em tramitação, no último mês, 29 medidas provisórias, isto é, a atividade legislativa é atividade do Executivo. Está acontecendo algo de desintegrador e decomposição em nossas instituições. Não excludo, como tenho dito, a Constituição de 1988 desse processo. E a reforma que viria, chegou e não veio.

Leio em Guy Sorman uma citação de Constantin Cavafy, de 1904:

"Por que esta letargia no Senado? Por que os senadores não estão legislando? De que adianta fazer valer a lei neste momento? Muito em breve, são os bárbaros que o farão."

Será que há este perigo? Quem anda pelos corredores desertos da política fica meio perplexo, sem saber se esse clima existe ou se é uma profecia que jamais se realizará.

José Sarney é senador pelo Amapá.